



# KERENSKI

**Chefe do Governo Russo**

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria e semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado  
acresce o importe das despesas

*Extrangeiro*—Um anno, 3\$600.

**Numero avulso, 80 reis**

**Numero 225**

**Braga 20 de Outubro de 1917**

**Anno V**

# CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA "ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,"

Temo-las já impressas, a 440 réis

## Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archdiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

## Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

**PORTO**

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

**José da Silva França**

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

## Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.  
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 réis.  
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»  
**BRAGA**



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

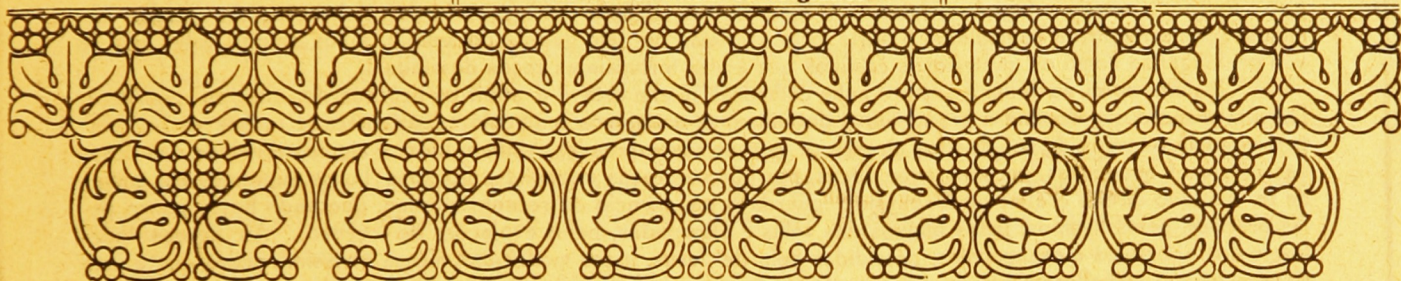
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

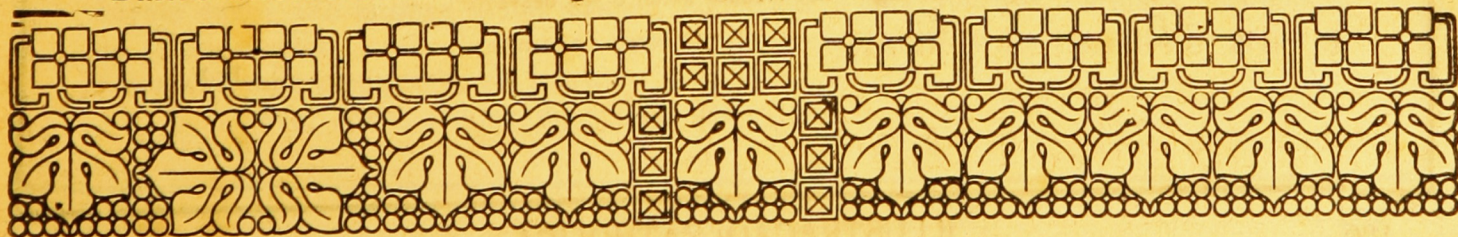
Braga, 20 de Outubro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 225—Anno V



Bairro aristocratico de Bangkok, Capital do Siam, o alliado mais recente



# CHRONICA DA SEMANA

## A Cathedral contente...



**D**OMINGO. Um ceu lavado pelos ultimos chuveiros, apenas orlado de uns penachos de nuvens sobre a garupa dos montes circumjacentes. Aquella fria aragem matinal dos primeiros dias de outomno. De resto o mesmo recato domingueiro que durante onze annos lhe conheci, nas ruellas tortuosas ascendentes para um roqueiro universitario, e que lhe dão, vista do alto, o aspecto de uma aranha de inumeras pernas soltas do mesmo corpo minúsculo—raizes d'um mesmo tronco, diria poseur algum parlídario de phrases e imagens cathedráticas. Só não bimbam na translúcida athmosphera do repontar do sol as dezenas de festivos sinos na dezena de torres das egrejas. Bons tempos, esses em que a alacridade dos sons, reboando pelo valle do rio ou de encontro á conchada, me acordava, me esfregava os olhos, me lavava e enchia de paz, fazendo revolver-me a alma muito da frescura da infancia, do alvoroço com que, como todas as creanças, eu saudara o apparecer de mais um domingo... Bons tempos!

Agora, os sinos caláram-se, como n'um susto ou n'uma mágua, e para se ir á missa é preciso attentar no giro dos ponteiros do relógio ou, quando se aguarda nos adros a hora propria da celebração, não perder um minuto apoz o retinir da campainha, á porta, pelo sacristão ou pelo guarda do templo. Máus tempos, estes que se vão prolongando como os mysteriosos castigos que lentas torturam as raças desviadas!

Quando entrei na velha e sempre bella cathedral já elle estava a subir os degraus do altar ao *confiteor*. Da alta rosácea que domina a grande nave desenham-se arabescos multicolôres, orientaes, e fachas de luz, dispersas como os raios de sol coados atravez de nuvens assombreadas, vinham ferir a rigida seriedade das pesadas columnas románicas, roçadas sabe Deus, por quantas raças estranhas, nas suas horas supremas em ancias de fé. Ao lado direito o altar do Santíssimo guardava um silencio de recanto mystico, quebrado havia pouco pelas orações, pelos hymnos, pelas linguas das vélas e alampadas, pelas evoluções do incenso... As figuras indeleveis dos apóstolos e evangelistas, presididas pela de Jesus, todas modeladas n'essa alvissima pedra que é uma riqueza para o embellezamento da cidade e facilitou sempre a plasticisação das ideações dos seus artistas, lá estavam no seu cenáculo, que dura ha séculos! E o jorro de luz que tombava da cúpula do transepto vinha escorrer sobre a maravilha do altar-mór, pondo a faiscar todo o oiro que recobre a madeira das ogivas, das capelinhas, dos nichos, das florações estranhas em que o gothico alli entreteteu a alma insatisfeita de artistas admiráveis; despertando todo o biblico scenario realista dos altos relevos; repuxando, lá em cima, das sombras, o grupo dominador do Calvario, cá mais embaixo essa figura dulcissima de pureza, de contentamento, de graça humilima e immaculada frescura de flôr, que é a da Virgem da Assumpção da Sé Velha de Coimbra—a mais linda e espiritual imagem de Nossa Senhora que as minhas préces d'alma, mais viva de dôr e de esperança, teem beijado! Lembro ao vê-la, com inveja a ardencia mystica d'essa Meia-Edade plena de luz e de génio alado, que sonhe como nenhuma outra, transfundir na linha forçada d'uma oresta que sobe, sobe no ar até sociar-se no estreito abraço das ogivas, á respiração das almas que rezam e o olor indefinivel do patriotismo d'um povo feito arte; que soube, como outra jamais, abrir sorrisos de Deus na face dos anjos, das virgens e dos Santos!...

E rezei. Era já ao Evangelho. Dentro em pouco, o *Lavabo*. E depois, elle aproximou-se do primeiro degrau do altar. O templo estava em silencio. Ao lado, nos seus tumulos de pedra, as princezas e os bispos dos tempos de gloria escutavam, e a cathedral, do sitio onde estava, deu-me a impressão de se reconcentrar mais, como para verificar cuidadosa e álerta, se as tradições da velha e heroica fé, que ella aconchega, iam ou não ser confirmadas. E porquê, tal espectação da parte d'ella?

E' que a pobre renda da alva deixava vêr a côr azul d'uma farda, e o amarellado d'umas polainas e botas militares... E' que o parochico que viera da França, de muito longe, já com cicatrizes, ia fallar ao seu rebanho uma dura linguagem, aprendida lá nas terras do amor de Deus e das visões da morte...

*Sede prudentes e intelligentes*, clamava alarmado o trecho da epistola do Apóstolo aos christãos desprevenidos de Epheso. Elle não poderia dizer ao soldado, lá fóra, que aos seus lares o seu exemplo de sacrificio enorme pela Patria era reeditado, se elle via, ao regressar, que o delirio se apoderára de todos! Se o esquecimento do dever atirava para as exhibições desmoralisantes e para os divertimentos perversos, para as ambições gananciosas e para as explorações sem escrupulo, aquelles que mais obrigação teem de repetir, como é de crenças, cá dentro, a licção das trincheiras!

Não nos importemos com que haja no paiz quem não honre o sacrificio da nação — honremo-lo nós, orando e applicando com mortificações voluntarias a ira de Deus, que baixou transformada, n'um flagello de fogo e sangue, por sobre a Patria e sobre o mundo em desvario! Corresponda ao sacrificio dos que partiram, o sacrificio dos que ficaram. Só assim não será possivel aos que regressam temporariamente, como elle, vêr desfeita aqui, na sua aparcellada terra, aquella alegria de soffrer por amor dos outros, que colheram (rôxos lirios do nosso jardim das Oliveiras!) na terra vermelha dos combates...

A homilia terminara. A missa proseguiu. No final, ás *Ave-Marias*, a voz d'elle pediu ainda:

—Pelos nossos queridos soldados!

A cathedral, depois de ouvir assim traduzida a sua alma, sorria lá no alto, no fulgor da sua rosácea cheia de sol, que agita alegre o embrechado rutilo das côres. A cathedral estava contente...

Mas Portugal—ai de nós! ai de nós!—não mudara ainda o seu desvayro!

F. V.

# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

O cravo.



marqueza de... logo depois da morte do filho sumira-se no seu casarão da Beira. Fôra tão inesperada, tão tragica, aquella morte—uma duzia de facadas mysteriosas á esquina d'uma alfurja—e tão mexeriqueiramente se rumorajara das causas, tanto se remechera na vida do filho, que a pobre senhora resolveu desaparecer. Os estouvamentos de D. João Manuel tinham positivamente irritado meia Lisboa, que não perdoava ao fidalgo esturdio, as suas predilecções pela ralé. E tanto tinha descido no conceito mundano que se affirmava, que a condessa de... sua tia paterna—um clarão de perdida belleza dentro d'uns sessenta annos impertigados de preconceitos—commentára a sua morte n'um tom irritado de crueldade:

«Um fidalgo morreria bem d'uma estocada. Nem ao menos uma bala!... Mas para um fadista... uma navalha está bem. «E o dito amargo correu, fez successo e chegou aos ouvidos da mãe. A infeliz senhora sentia-se horrivelmente só; ninguem entendia a sua magua, ninguem a ajudava a chorar. Despediu os creados, vendeu as carruagens e partiu para o longinquo solar, que que herdara da tia Corinda. Mezes depois ninguem a lembrava já.

Alli a visitei algumas vezes. Occupava uma ala do sombrio casarão, que com as suas quatro torres abraçadas de heras, o seu pateo medievo e nobre onde havia estatuas adormecidas sobre tanques fradescos, dominava altiva, a pequenez humilde e recolhida do valle. Restaurára apenas meia duzia d'aposentos e doía correr a casa deserta, com os moveis desmantellados, cruzar o salão com o damasco das paredes em tiras, os crystaes das credencias manchados, sinistros, escabellos e cadeirões desfazendo-se aos poucos, rangendo ameaças, o velho cravo hollandez vibrando sons inconscientes com o tremer dos sobrados em ruinas.

Nas noites d'inverno aquelle cravo toca,—disse-me a Marqueza confidenciando um intimo pavor—mas só raras noites, só quando alguem morre, aquellas cordas abandonadas, vibram uma musica de doido, mas soturna, plangente como um responso, como um piar d'ave presaga... Sorri e tentei calmar aquelles infantis receios, porque aquelle isolamento, aquella vida entre recordações, entre ruinas, enchiam de sinistros pavores, de visões, de presagios aquella alma despedaçada.

Tempos depois voltei. Em pleno inverno, em pleno temporal, que intransitava os caminhos, a minha estada foi mais longa. Uma noite, a meio serão, o cravo vibrou longinquo a sua toada de morte.

—E' elle... E' elle... disse-me n'um arripio e cortando-me as palavras com que eu pretendia desfazer semelhante agoiro acrescentou:

Verá, alguem que morreu. Resemos, resemos... Logo o sino badalou a agonia e um fundo arripio gelou-me tambem.

De manhã soubemos pela velha creada, a boa Rosa Vaqueira, que ha cincoenta annos não largava a sua menina, que o caseiro, o Serafim das Hortas, lá morrera n'aquella noite.

«Não lhe dizia?—tornou a Marqueza apavorada. E' assim por todos, por todos!... Espero sempre ouvi-lo na minha hora, cada noite, cada dia, cada instante... E quando até mim chega, e plangeia, o soluço d'aquellas cordas, toda eu tremo n'um intimo receio. Mata. Mata...» Tentei sorrir e alinhavei sem geito, desculpas, razões, motivos para tão extranho tocar, mas no meu espirito a duvida persistia já.

N'essa noite, um pouco antes das 11, quando relativamente alegres conversavamos do passado e eu lhe lembrava a minha camaradagem com João Manuel, o cravo rangeu e começou a tocar!

E' elle... dissemos nós apavorados e esperamos tranzidos o fim d'aquella musica infernal. De repente um grito suffocado estrugiu e logo n'um ronco, abafado como um hausto d'agonia, arrastou-se uma voz: «Senhora... Senhora...»

«E' a Rosa, Meu Deus.» Gritou a Marqueza e corremos ao seu quarto.

N'um velho cadeirão d'Utrecht esfarrapado, a velha Rosa Vaqueira, que ha cincoenta annos não largava a sua menina, agonisava n'uma syncope cardiaca, emquanto no salão, o velho cravo hollandez, gemia monosonico, cruel, o seu responso de pavor... a sua extranha plangencia de morte.

E o cravo, afinal, matara mais uma vez...

# SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
EGRESSO DA FALPERRA.

Aventuras do alfabeto



ALTARIA a um sagrado, se não presen-  
teasse o leitor com outra  
aventura do alfabeto.

Quem inventou as letras? Eis assunto  
para serios e numerosos artigos. Enquanto  
não aproarmos às costas das provincias da philologia  
amena, regalarei os leitores com uma origem engenhosa  
que F. A. Steenackers descobriu para as letras do al-  
phabeto.

Como os leitores vão ver, só em francez é possi-  
vel achar coisas destas! O auctor publicou a sua des-  
coberta *Des origines des lettres de l'alphabet*, dedican-  
do-a aos *Quarante Immortels do Quai Conti*, no *Gau-  
lois du Dimanche*, de que fui assignante, ahi por 1906.  
Desgraçadamente, como no verso da pagina dos versos  
havia bonecos, um dos meus pequenos foi-se a elles e  
tezoirou os versos do *L* em diante.

Mas os leitores, pelos outros, ficarão fazendo suf-  
ficiente idea do engenhoso trabalho, que espero um dia  
dar na integra se estes serões merecerem a reimpres-  
são em volumes.

Quem inventou o *A*, segundo o nosso auctor?

Par une chance sans égale  
L'A doit sa naissance à l'amour.  
Car chacun sait que, certain jour,  
Hercule fit l'A près d'Omphale.

Attendendo a que alguns leitores não sabem fran-  
cês e, dos que o sabem, alguns podem não attingir o ca-  
lemburgo, dou a traducção em prosa, com a explicação:  
«Por uma sorte sem par, deve o *A* seu nascimento ao  
amor, porque toda a gente sabe que Hercules, certo dia,  
fez o *A* (*fit l'A=fila=flo*) aos pés de Omphale.

Du *B* pour expliquer la clef,  
En de très galantes histoires,  
La Putiphar, dans ses mémoires  
Nous dit: —*Le B naît* de Joseph l

«Para explicar a chave do *B*, em galantissimas his-  
torias, a senhora Putiphar, nas suas Memorias, diz-nos:  
O *B* nasce de José (*lebenêt* de Joseph= o pateta  
do José!).»

Supponho que os leitores não pretendem que lhes  
explique tambem as allusões mythologicas, biblicas, etc.

Pour le *C*, pas besoin qu'on beugle  
Quelque conte mal inventé!  
Le premier cas de *C cité*  
Appartient au premier aveugle.

«Quanto ao *C*, não é preciso trombetear algum  
conto mal arranjado. O primeiro caso de *C citado* pre-  
tence ao primeiro cego. —*C cité=cécité=cegueira!*»

Un navigateur, le premier,  
Trouva le *D*, la chose et sûre,  
Car un marin ne s'aventure  
Jamais sur la mer sans son *D*.

«O primeiro que achou o *D* foi um navegador; a  
coisa é certa, porque um marinheiro nunca se aventura  
ao mar sem o seu *D*: *sans son D=sans sonder=sem  
sondar!*»

Un potier, dans son humeur brusque,  
Brisant un vase mal tourné  
S'écria: —Ce vieux pot *fait l'É!*...  
L'É nous vient donc d'un vase étrusque!

«Um oleiro, de mau humor, quebrando um vaso  
mal torneado, exclamou:

—Este velho vaso *faz o E*: *fait l'E=fêlé, rachado!*  
—O *E*, pois, vem-nos de um vaso etrusco.»

Enquanto eu, velho frade, me estou agora recor-  
dando d'aquella fabula sermonatica de Viennet *Le pot  
fêlé*, a minha gentil leitora, está recordando aquelle vase  
*brisé*, de Sully Prudhomme, onde morria uma verbena,  
vaso quebrado com um leve toque de leque! *E* repete  
com o seu poeta favoritô:

Souvent aussi la main qu'on aime,  
Effleurant le cœur, le meurtrit;  
Puis le cœur se fend de lui-même,  
La fleur de son amour périt.

Toujours intact aux yeux du monde,  
Il sent croître et pleurer tout bas  
Sa blessure fine et profonde:  
Il est brisé, n'y touchez pas!

Ai as mulheres, as mulheres! Voltemos às ori-  
gens do alfabeto.

Jusqu'aux Paladins, tant chantés,  
De l'*F* remonte l'origine:  
On vit, en pleine Palestine  
L'*F* naître, au milieu des Croisés.

Não pude descobrir que allusão se encerra nesta  
quadra. «O *F* remonta sua origem até aos Paladinos,  
tão decantados: viu-se em plena Palestina, o *F* nascer  
(*Lesfenêtre* seria o nome de algum Cruzado francês?)  
no meio dos Cruzados.»

Le *G* n'est pas blanc, ça s'explique;  
Le soleil lui grilla la peau...  
S'il a le teint d'un moricaud  
C'est qu'on trouva l'*G* en Afrique.

«O *G* não é branco, e explica-se: o sol tostou-  
lhe a pelle. Se tem a côr de um moreninho é porque se  
encontrou o *G* em Africa—*on trouva l'G=on trouve  
Alger=encontra-se Argel...*»

L'*H*, ça ne fait plus question,  
Dans le Rhône a plus d'une attache,  
Puisque l'on appelle *Père H*  
Son faubourg natal à Lyon.

«Quanto ao *H*, já se não questiona: tem mais do  
que uma afinidade no Rhodano, visto que se chama  
*pae h* (=père h=Perrache) o seu bairro natal em  
Lyon.» Os que visitaram a bella cidade de N. Senhora  
de Fourvières sabem que Perrache é o nome de um dos  
caes sobre o Rhodano.

Vamos lá a ver como appareceu o esguio *I*:

Quand la vache lo, grasse et blonde,  
A Jupiter donna son lait,  
Dans l'Olympe, alors apparaît  
La première lettre *I* du monde.

«Quando a vacca lo, gorda e loira, deu a Jupi-  
ter o seu leite, no Olympe, então appareceu a primeira  
letra *I* (*lettre I=laiterie=leitaria!*) do mundo.»

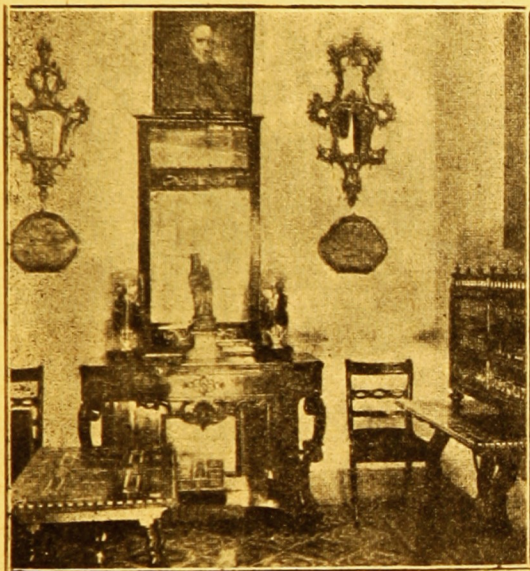
Le *J*... on m'en a rien dit;  
Mais il dut paraître sur terre  
Sur une pierre tumulaire,  
Car c'est là qu'on trouva: *Six J*,

«O *J*... nada me disseram d'elle; mas deve ter  
apparecido neste mundo, sobre uma campa, porque  
foi lá que se encontraram: seis *j*: (*six J=ci-gît=aqui jaz!*)

No proximo serão veremos os nataes das outras  
letras que escaparam á teozura do meu pequeno! Se  
ella as tivesse levado todas, ia-se-me um bom par de  
serões—não sei, se com aprazimento do leitor!

## Centenario de Suárez

Realizou-se em Granada um congresso suareziano, devido ao 3.<sup>o</sup> centenário da morte, em Lisboa, do doutor exímio, o illustre professor conimbricense. — Portugal esteve bellamente representado no congresso.



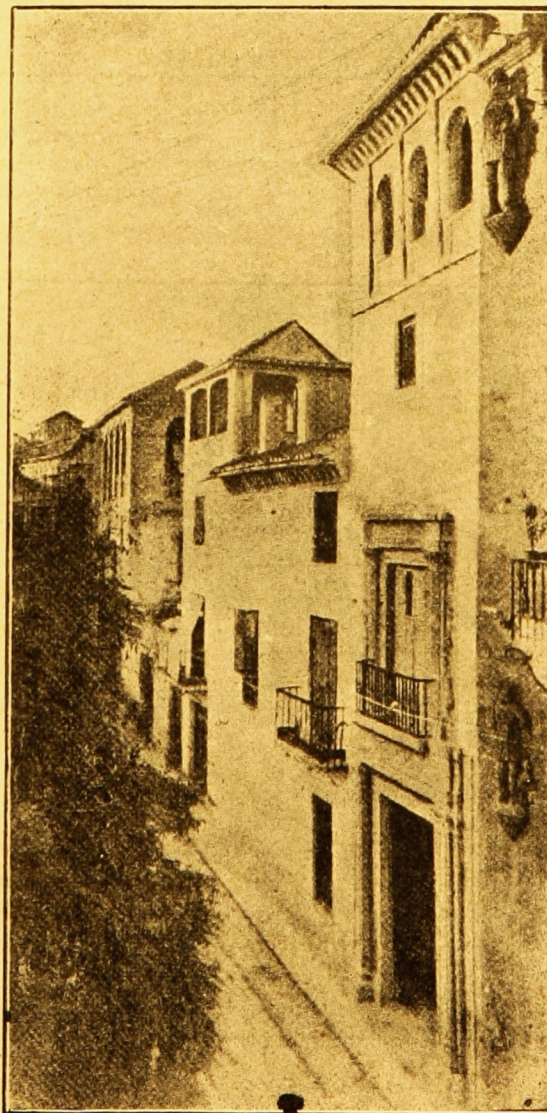
*Aposentos da casa de Suárez*



*O ministro da instrução, snr. Andrade †, chegando a Granada para assistir às festas centenárias.*



*O sapientissimo jesuíta Francisco Suárez*

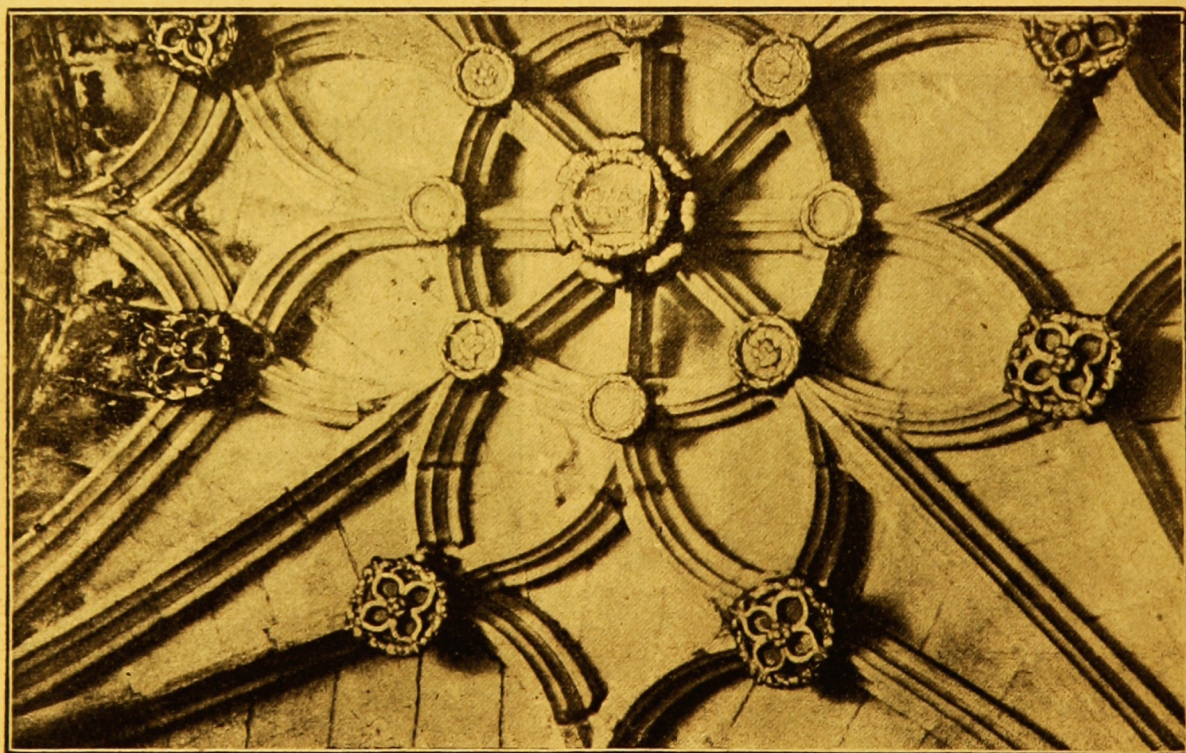


*Casa onde nasceu e viveu em Granada o doutor exímio*

# Memorandum artistico



O Centenario de Campoamor em Madrid  
O monumento dedicado ao insigne poeta no Parque del Retiro, coberto  
de flores durante a commemoração.



## Os thesouros de Braga

Artística abobada gothico-manuelina da Capella do Senhor Morto, annexa á egreja de S. João do Souto

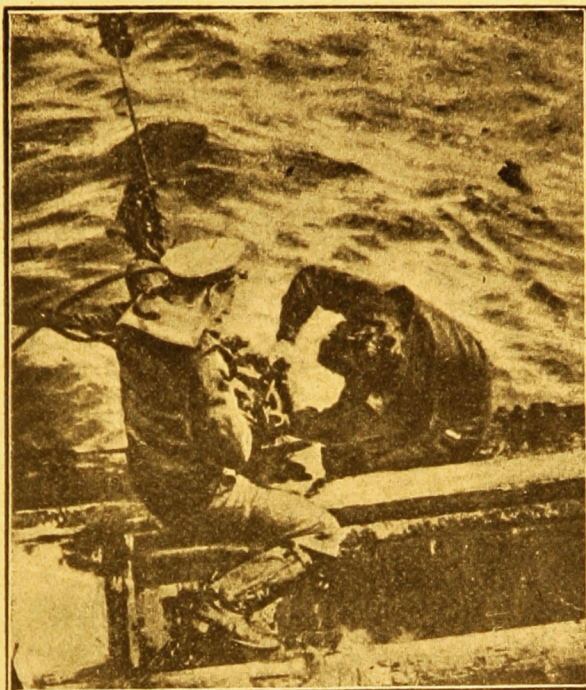


# A pesca do submarino

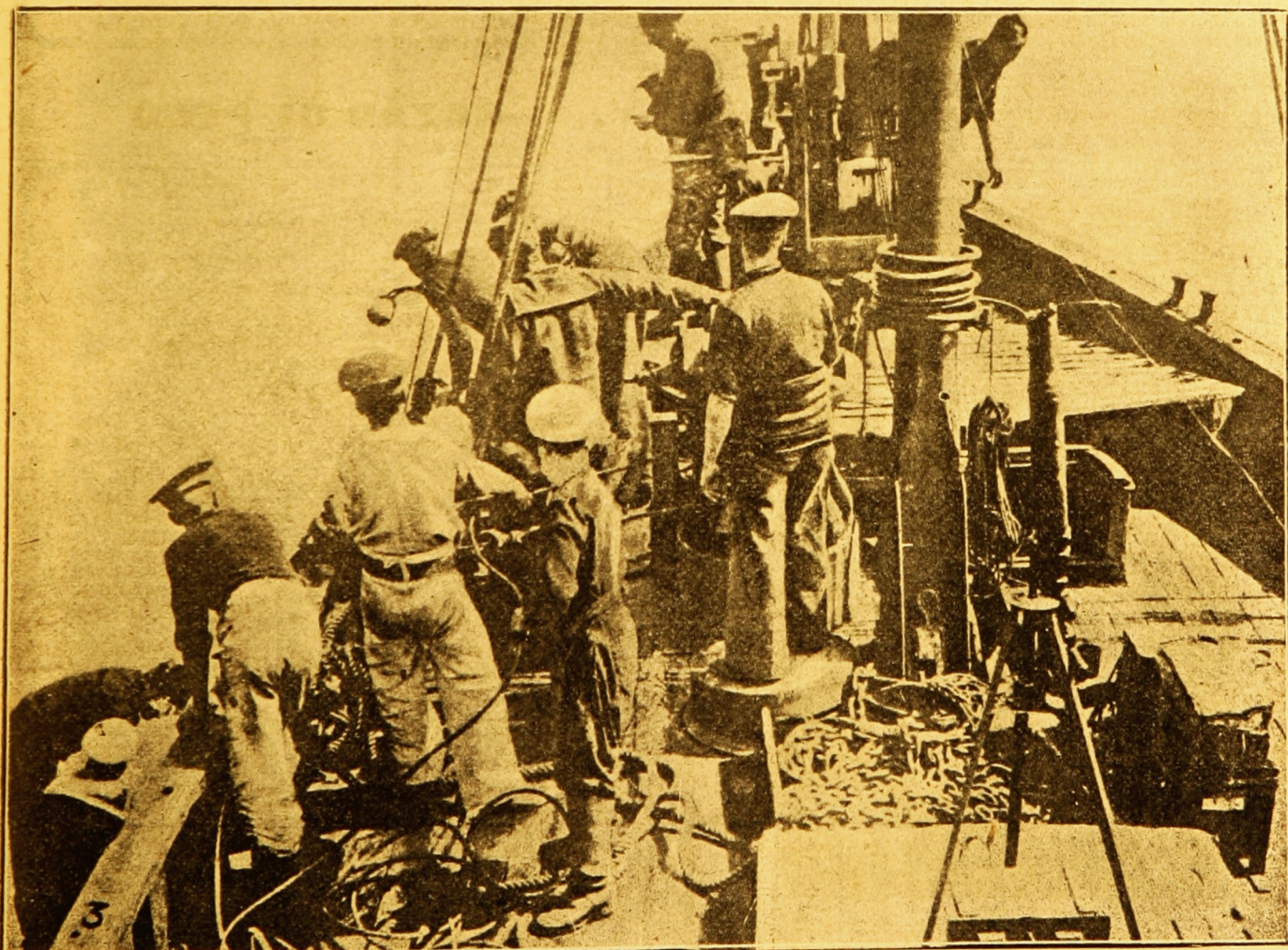
por vapores ingleses



*Ligação de baterias electricas entre minas e a rede*



*Prendendo uma boia ao extremo da rede*



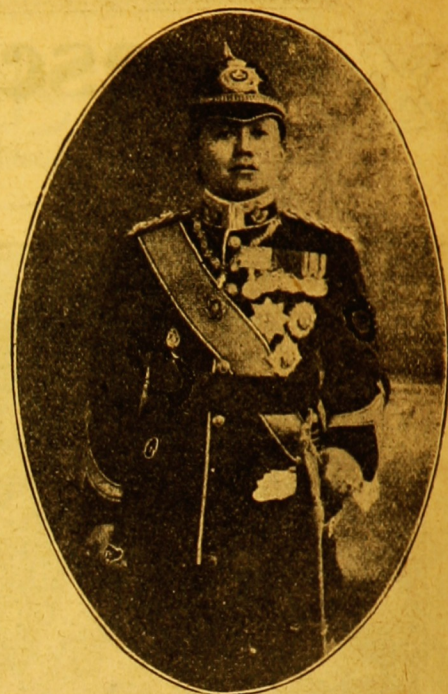
*O castello de prôa de um antigo barco de pesca hoje caça-submarinos*

(Photos. officiaes)

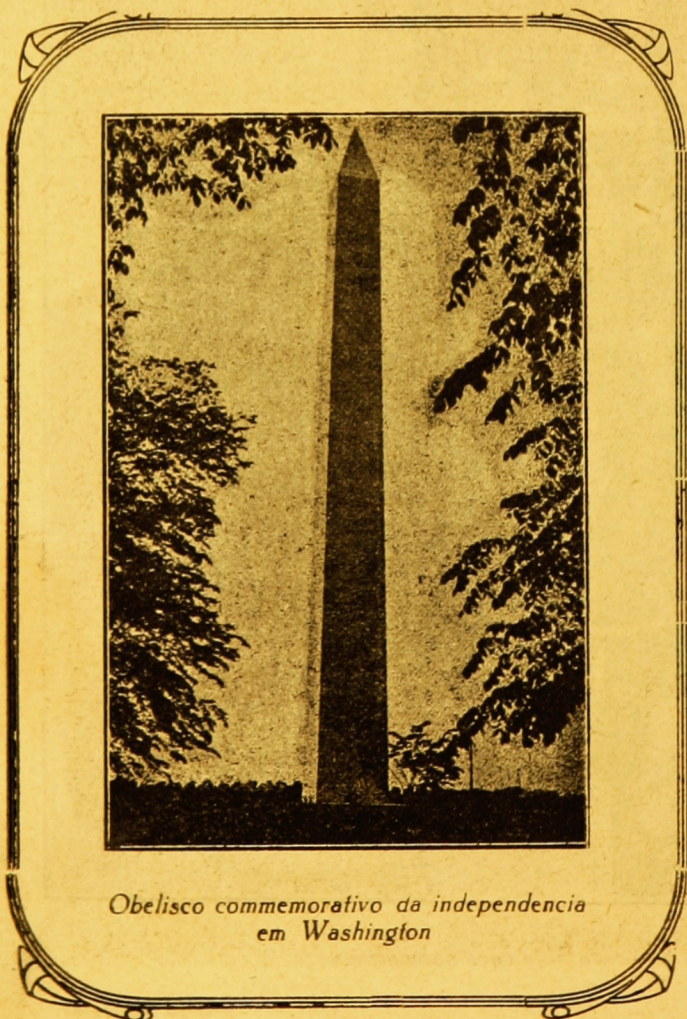
# Da Guerra Europeia



Sapadores construindo uma estrada atravez das ruinas de uma povoação



O rei do Siam, que ha pouco se declarou abertamente ao lado dos alliados, rompendo as relações com Allemanha e notificando-lhe o estado de guerra.—O Siam fica situado na extrema Asia, e o rei, Chulalongkorn, visitou em tempos, Portugal.



Obelisco commemorativo da independencia em Washington

## RAZÃO DE PESO



—Tenho um grande prazer, sempre que vejo um rapaz rico casar com uma rapariga pobre.  
—Porque?  
—Porque desse modo ficam mais raparigas ricas em circulação.



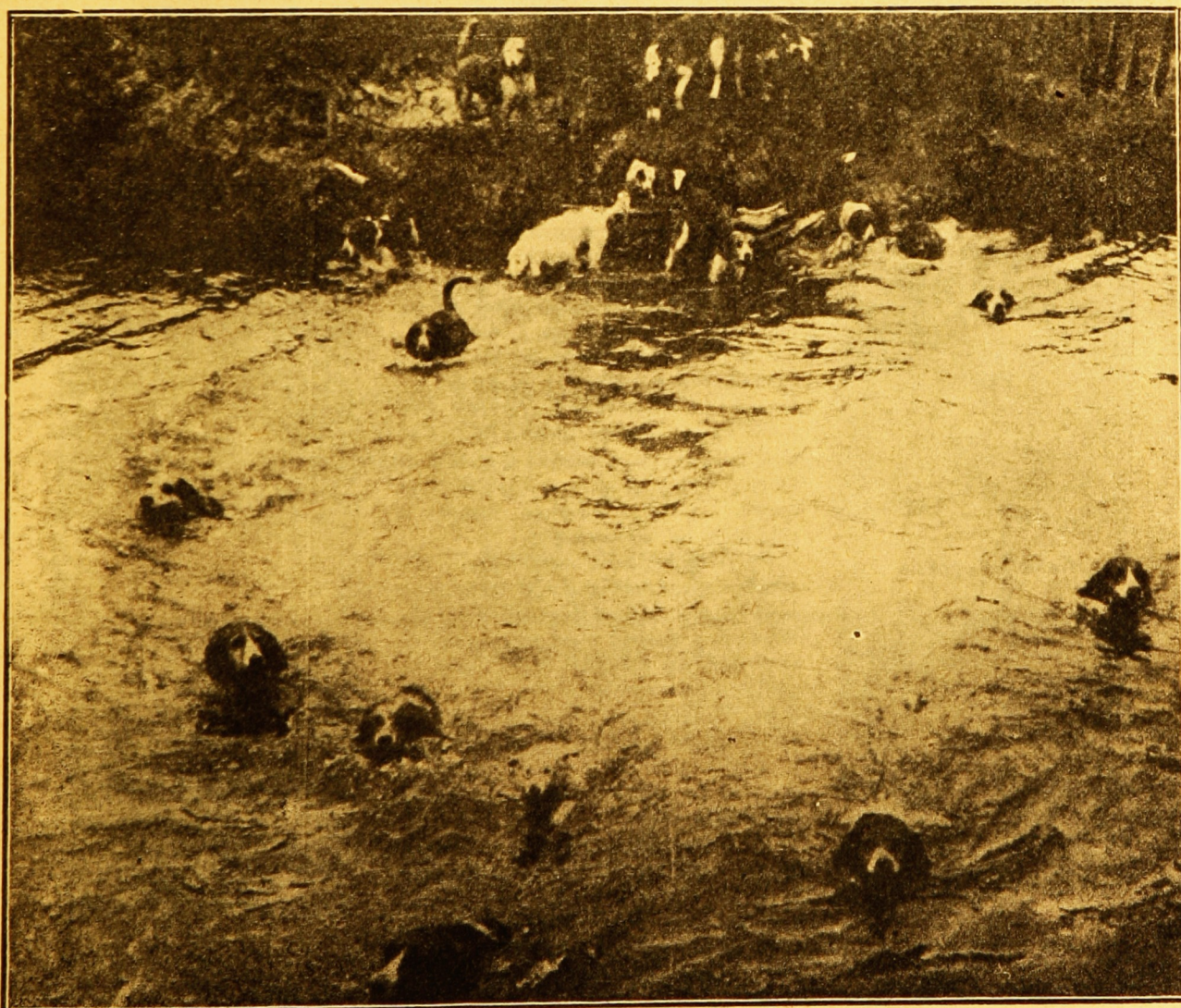
## Os desportos do Outomno



O paiz do desporto celebra o fim do tempo defeso com grandes festas cinegeticas na Escocia e Irlanda. São animadas scenas as que originam, como d'estas photographias se deduz, bellas, artisticamente, palpitantes de vida: são valiosos documentos do desporto inglez:



*Reunião das matilhas para começar a caçada*



*A matilha atravessando um rio em perseguição de uma peça de caça*

# PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

XXXI.—Interpretação (Allegoria, hypotypose, etc.)

**S**EMELHANTE à personificação é a *allegoria*, em que o artista procura exprimir uma serie de ideias ou um conceito complexo por meio de figuras. E' a metáfora continuada na arte. A vida humana, o bom governo etc. etc., são assumptos de quadros allegoricos bem conhecidos. Nas paredes do celebre Campo Santo de Piza, ha curiosas allegrias da morte. A que reproduzimos representa o triumpho da morte. Anjos e demonios vão colhendo as almas dos defunctos e levando as para o seu destino eterno.



O triumpho da morte (Campo Santo de Piza)



Rafael —A poesia



A Theologia



A Philosophia



A Justiça—(Roma-Vaticano)

Outro ponto a que o interprete deve attender é o que se chama a *compennetração*. Consiste em reunir no mesmo quadro assumptos diversos em que um dos personagens entra como protagonista commum. Assim por exemplo nos sarcofagos e pinturas catacumbas é frequente aparecerem reunidos n'um mesmo quadro dois ou tres milagres de Christo: v. g. a multiplicação dos pães e a cura da Cananea. E' preciso portanto attender a este facto na interpretação.

A *hypotypose* mette debaixo dos olhos de um modo vivido as coisas. Usa-se nas figuras fazendo sahir da bocca das pessoas algumas phrases ou symbols. por exemplo: flores, para significar palavras amaveis, fogo, para a ira. E' ella quem dá forma sensivel ás acções do personagem; assim o gallo posto junto de S. Pedro, indica a negação do apostolo durante a Paixão de Christo.

Com a personificação e a *hypotypose* é que os artistas representavam conceitos diversissimos. Um homem que está debaixo de um portão significa que está a sahir da cidade. Para se dizer que um homem falla, punham o gesto da mão em forma de dar uma benção. A vibora junto de uma figura indica a maldade, se a figura fosse

uma arvore e tivesse junto um homem com uma machada ind caria o famoso trecho evangelico : *Progenies viperarum . . . omnis enim arbor excidetur* (vide Garucci, Arte cristiana, vol. I, pag. 445 .

Metonymia, segundo Grossi Gondi, 1. c., é a representação da causa pelo effeito, e do concreto pelo abstracto, Raphael concretizou em quatro figuras mulheris a poesia, a theologia, a philosophia e a justiça. A' poesia deu como emblema uma harpa, á justiça uma espada, á theologia os livros sagrados, e á philosophia duas esphinges. Além d'isso para tornar mais claro o conceito fez acompanhar as quatro figuras com a respectiva inscripção, reveladora do seu papel caracteristico. *Numero affatur*, indica a poesia, *Divinarum notitia* a theologia etc.

As inscripções quando acompanham os quadros são de grande utilidade para a sua recta interpretação. Nas miniaturas dos antigos codices ellas e o texto onde estão inseridas as illuminuras, são guias seguras para entender as figuras e actos dos personagens. Tambem nas teorias de Santos que adornam as paredes das basilicas, as inscripções e os symbolos são grandemente elucidativos.

Do symbolismo trataremos na proxima palestra. Hoje basta chamar a atenção do estudioso para outro auxilio que algumas vezes nos fornecem as proprias figuras humanas quando são retratadas ao vivo. Assim na arte italiana encontra-se com frequencia o retrato de Dante. Sô este elemento é uma luz importante para se chegar ao conhecimento da natureza da scena representada. Conhecendo a obra e a vida do grande poeta poderemos facilmente dar com o assumpto que o artista representou.



Agnus,

Giotto Retrato de Dante (Museu Nacional de Florença)

## Lágrima

(a B. C. O.)

Quando serena lagrima bemdita  
D'esses teus olhos timidos desceu,  
Immensamente linda, uma outra estrella  
No céu appareceu!

E hoje, se á noute, tristemente só,  
Elevo ao céu o meu cansado olhar  
Grande, serena e limpida, essa lagrima  
Vejo-a no céu brilhar!

## Coração

Meu louco coração, o que desejas?  
O que procuras tu, coração meu? . . .  
Procuro o teu olhar . . .  
E quero vêr o céu,

Noesga.

## Jacinto de Magalhães Barros d'Araujo Queiroz

Com a avançada idade de 80 annos, falleceu, no passado dia 3, na sua quinta do Rego, em S. Martinho de Dume, onde accidentalmente residia, o respeitavel cavalheiro d'esta cidade, ex.<sup>mo</sup> snr. Jacinto de Magalhães Barros d'Araujo Queiroz.

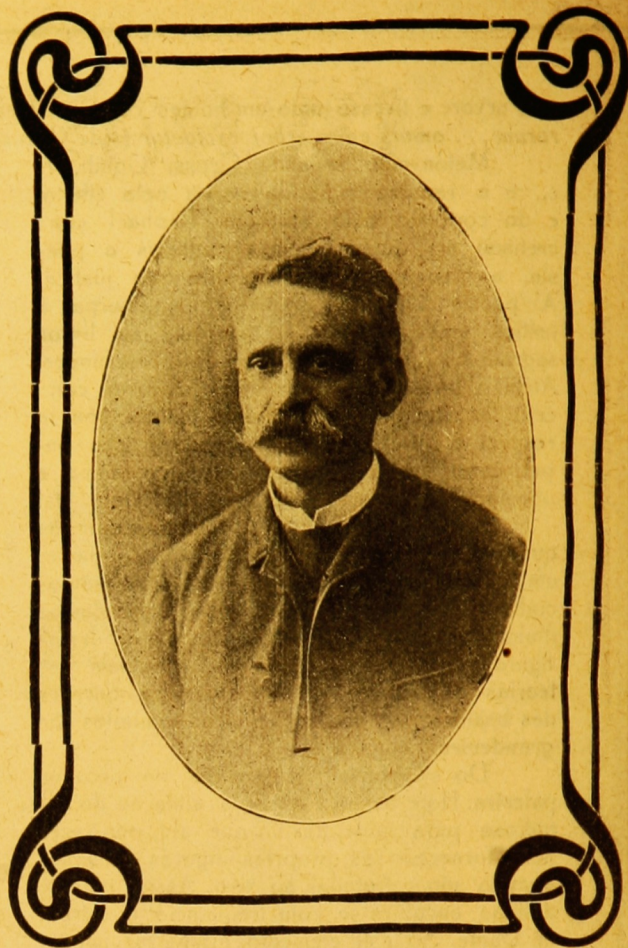
O illustre extincto era immensamente considerado n'esta cidade, mercê das suas altas qualidades de caracter, motivo por que o seu fallecimento foi muito sentido.

No extincto regimen, e em tempos dos saudosos Conselheiro Jeronymo Pimentel e Visconde da Torre, foi uma das figuras mais em evidencia do partido regenerador, em que sempre militou, sendo por vezes eleito Procurador á Junta Geral do Districto, e exercendo outros cargos da confiança d'aquelles seus chefes politicos, de quem era parente e amigo dedicado.

Nasceu na Casa de Crêstes, solar da sua familia, em 2 de fevereiro de 1837, e era filho do Dr. João Roberto d'Araujo Queiroz de Macedo Borges, Juiz de Fôra no tempo de El-Rei D. Miguel, da illustre Casa de Cima de Villa, em Provezende, Traz-os Montes, e D. Maria Rita de Magalhães Barros de Lançóz Barreto Cardoso de Menezes, descendente dos Magalhães Barreto, da antiga Casa de Matto-Bom.

Era o chefe da familia Magalhães, de Ponte do Lima, — ramo directo dos Magalhães e Menezes, antigos senhores donatarios da villa da Ponte da Barca, estando, por isso, ligado ás principaes familias do norte do paiz.

Representava os mórgados do Ribeiro e do



Espirito Santo (Ponte do Lima), de Faquello (Arcos de Valdevez), e a casa vincular de Crêstes (Barcellos), sendo, tambem, pelo seu casamento com a Ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria das Dôres da Silva Coelho Cerqueira, administrador do vinculo de S. Braz da Torre, e do grande Prazo do Rego (Braga).

A' respeitavel familia anojada, a *Illustração Catholica*, apresenta sentidas condolencias.

## Julietta Gonçalves Valença



Passa no dia 18 d'outubro o 1.<sup>o</sup> anniversario da morte da innocente Julieta Gonçalves Valença, filha saudosissima da ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Thereza Delfina d'Araujo Valença. Parece que ainda foi honfem que a morte a arrebatou impiedosamente aos carinhos dos seus! Quem isto escreve foi testemunha ocular da resignação, verdadeiramente christã, com que essa innocente criança soube soffrer a doença e sobretudo encarar a morte!

Edificava a sua piedade, ao receber os Sacramentos Fallava-se-lhe do Ceo, e ella sorria, manifestando desejo d'ir para lá; 'mas a Mamã não quer, dizia ella, pois está sempre a pedir que eu sare! Porêrn Deus sempre lhe faz a vontade, chamando-a a Si na manhã do dia 18 d'outubro de 1916. E como toda a sua preocupação durante a doença era a afflicção em que via a Mamã, mal chegou ao Ceo crêmo-lo bem, uma grande graça conseguiu logo para sua inconsolavel Mãe—a resignação! E agora que ella está gozando no Céu uma felicidade, que a Mãe na terra não podia proporcionar-lhe, agora quantas graças e bençãos não ha d'ella alcançar para os seus mais intimos e para quantos d'ella nunca se esqueceram!

Querida Julieta, sabes que, durante todo este anno nunca te esqueci; não me esqueças, pois, tambem, que tanto preciso do auxilio divino.

Não esqueças ao mesmo tempo aquellas criancinhas, de quem eras tão amiga, as da Catechese, a quem ensinavas e que, no dia do teu funeral, lá fôram á igreja (nunca esquecerei tal scena!) rezar o seu Tercinho, com os olhos razos de lagrimas, as da innocencia, tão expressivas e tão sinceras!

Emfim, n'essa mansão de paz, onde te encontras, não deixes de pedir a Jesus a maior das graças na hora presente—a paz, suspirada por tantos, tantos corações sobre a terra!

Adeus! querida Julietinha, até ao dia em que nos veremos reunidos no Céu! Vêla por nós todos, que somos de Jesus e para Jesus queremos ir.—R. M.

# LIVRARIA CRUZ

## BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

## Esculptura em Madeira

—E—

## PINTURA

### Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos de guerra terrestres e maritimos, grêves, tumultos e roubos. segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

# SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião  
19-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot.  
º-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoia de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.ª BRAGA

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagons, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

### Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588 — RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda braz leira)

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>o</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**